

ANGOLANA

ATUALIDADE

Número 5

Rio de Janeiro, dezembro de 1987

EDITORIAL

Cai o mito da guerra civil

A última invasão do território angolano pela África do Sul, que começou em setembro e ainda prossegue, teve pelo menos um mérito: fez ruir por completo a alegação de que existe no país uma suposta "guerra civil" entre o governo e a Unita. Essa alegação, na verdade um dos mitos básicos da propaganda antiangolana, caiu por terra apenas em algumas horas, quando as autoridades sul-africanas se viram obrigadas a reconhecer, no mês passado, ter invadido mais uma vez Angola com o objetivo de salvar a Unita da destruição total na província do Kuando Kubango.

Curiosamente, as declarações dos responsáveis de Pretória foram feitas na véspera de um aparatoso *show* cuidadosamente preparado por Jonas Savimbi, que tinha convidado alguns jornalistas estrangeiros para anunciar a "vitória" da Unita sobre o exército angolano nas margens do rio Lomba. Mas o *show* acabou por resultar num estrepitoso fracasso, pois os racistas, de maneira que não deixou de ser surpreendente, puxaram o tapete do chefe terrorista.

A atitude sul-africana pode ser analisada de vários ângulos. Em primeiro lugar, trata-se de uma iniciativa destinada a "lembrar" aos Estados Unidos o papel vital de Pretória na defesa dos interesses imperialistas na África Austral. Isso está ligado às perspectivas de um entendimento internacional sobre a independência namibiana, em 1988, o que forçaria Washington — que, obviamente, não desistiria de tentar destruir Angola mesmo depois da libertação da Namíbia — a encontrar um país que acei-

tasse substituir a África do Sul no seu apoio direto à Unita. Aliás, esse cenário começa já a ser esboçado, a avaliar pelas informações relativas às crescentes facilidades concedidas ao grupo de Savimbi por um país ao norte de Angola.

Além disso, a confissão de Pretória sobre os verdadeiros objetivos da invasão do território angolano é também consequência de um fato militar novo: as consideráveis perdas materiais e humanas sofridas pelos invasores. Mais de duas centenas de mortos, entre eles muitos soldados de origem bôer, quase quarenta aviões abatidos, numerosos tanques, viaturas, peças de artilharia e outros equipamentos bélicos destruídos — eis um conjunto de danos que podem ser considerados históricos, nos doze anos de confronto permanente entre Angola e a África do Sul. A dimensão dessas perdas começou mesmo a criar um clima de tensão dentro da própria população sul-africana branca. Por isso, os governantes de Pretória tiveram de reconhecer que os seus homens estão combatendo — e morrendo — no interior de Angola, a fim de salvar Savimbi.

Seja como for, a confirmação pelos racistas das reiteradas denúncias dos dirigentes angolanos aclara definitivamente — para quem não for cego ou surdo — a equação da África Austral. O jogo de palavras acabou. Em Angola, não existe qualquer "guerra civil", pois a Unita não passa de uma extensão das forças armadas sul-africanas, sem o apoio das quais há muito teria sido derrotada. O que existe é uma guerra de agressão externa, criada e mantida pelo regime mais odiado do planeta.

Angop



A África do Sul já perdeu quase 40 aviões na atual invasão de Angola

Angola ameaçada

Um ataque sul-africano de grandes proporções contra Angola está programado para o fim deste ano, conforme alertou, em edição recente, o jornal congolês *Mweti*. A denúncia coincide com a análise do Comitê Central do MPLA — Partido do Trabalho, o qual, em reunião realizada no final do mês passado, considerou que Angola está diante de "uma grave conspiração imperialista e racista, que tem como objetivo a destruição da Revolução e da independência e a imposição ao povo angolano de novas formas de dominação e exploração".

Essas informações desmentem a pretensa retirada dos soldados sul-africanos que invadiram Angola no início de setembro, tal como foi anunciado, a 6 de dezembro, pelo chefe do exército de Pretória, Jannie Geldhuys. Contrariando a resolução do Conselho de Segurança da ONU, que exigiu a saída das unidades invasoras até 9 de dezembro, a África do Sul continua dentro do território angolano, concentrando os seus ataques, com aviação e artilharia de longo alcance, na linha Menongue/Cuito Canavale, província do Kuando Kubango, para impedir a circulação das colunas angolanas. O objetivo é ocupar Cuito Canavale, a posição mais avançada do exército governamental, onde existe um importante campo de pouso.

Contra-ofensiva — Se os sul-africanos não abandonarem Angola, o país está resolvido a passar à contra-ofensiva contra as forças de Pretória. O aviso foi feito pelo presidente José Eduardo dos Santos, no dia 10 de dezembro, diante do corpo diplomático acreditado em Luanda. "É com toda a solenidade que anunciamos a nossa firme decisão de expulsar os agressores racistas do interior das nossas fronteiras legítimas", sublinhou ele.

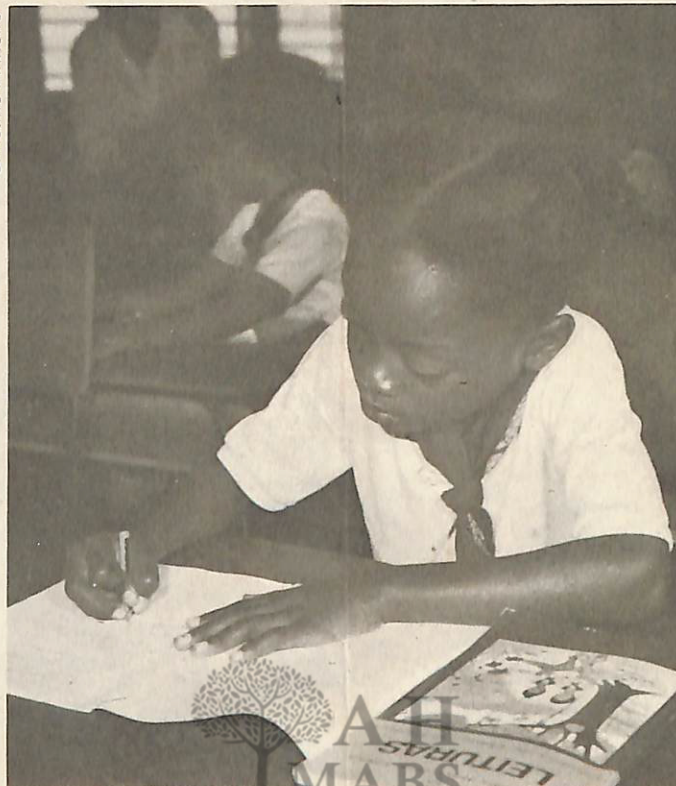
A mesma advertência tinha sido feita, poucos dias antes, pelo chefe do Estado-Maior do Exército angolano e vice-ministro da Defesa, tenente-general António dos Santos França (Ndlu). Ele acrescentou que, nessa contra-ofensiva, "Angola pode não estar sozinha", numa alusão à possível participação dos cubanos. Ndlu explicou que os contingentes cubanos saíram há muito tempo do sul do país, a fim de não dar à África do Sul e aos Estados Unidos pretexto para impedir a independência da Namíbia. Até agora, apenas soldados angolanos enfrentam as forças de Pretória.

"Mas, em face do não acatamento das decisões da comunidade internacional por parte da África do Sul, Angola pedirá toda a ajuda necessária aos países amigos para expulsar os invasores", declarou o responsável militar angolano.

O esforço na educação

Na época da independência — 11 de novembro de 1975 —, havia em Angola mais de 90% de analfabetos. Esse foi o “fruto” de cinco séculos de presença portuguesa. A “ação civilizadora” do colonialismo traduzia-se, no domínio da educação, na criação de obstáculos estruturais ao desejo dos angolanos de dominar os conhecimentos técnicos, por mais rudimentares que fossem, o que, em consequência, lhes vedava o exercício até das mais simples profissões. Antes da independência, os garçons e motoristas, por exemplo, eram na sua maioria cidadãos portugueses e não naturais de Angola.

Christine Pinheiro



*A Revolução na educação:
para oito milhões de habitantes,
dois milhões de crianças na escola*

A Universidade só foi criada após o impacto causado pela luta armada de libertação nacional, na década de 60. O acesso a cursos superiores era permitido, preferencialmente, aos portugueses que residiam no país. Quando Angola se tornou independente, portanto, o número de licenciados, mesmo somando-se aqueles que tinham estudado no exterior, sobretudo os exilados, era dramaticamente inferior ao necessário para gerir o país e assegurar o desenvolvimento.

Avanços — Duas das medidas imediatas tomadas pelo governo revolucionário foram começar uma campanha de alfabetização em todo o território nacional e tornar o ensino gratuito e obrigatório até a 8.ª série.

Em doze anos, foram alfabetizadas mais de um milhão de pessoas, reduzindo o índice de analfabetismo para cerca de 75%. O trabalho de alfabetização em Angola é dificultado pela existência, ao lado do idioma português, de numerosas línguas africanas, que são dominantes sobretudo nas áreas rurais. Como, até o momento, a alfabetização tem sido feita apenas em português, o trabalho não avança com a rapidez pretendida pelas autoridades. Por isso, está em

estudo atualmente a introdução das línguas africanas na alfabetização. A idéia é alfabetizar sempre na língua materna, seja ela uma língua africana ou o próprio português.

A gratuidade do ensino e seu caráter obrigatório até a 8.ª série provocaram uma autêntica explosão escolar. Presentemente, dois milhões de crianças frequentam pela primeira vez a escola primária. Esse fenômeno, em si mesmo positivo, não podia, objetivamente, ser acompanhado pelo aumento do número de professores, nem pelo desenvolvimento

compatível das infra-estruturas físicas ligadas à educação. É nessas duas áreas onde hoje existem maiores dificuldades.

As autoridades estão empenhadas em solucionar tais problemas, mediante programas acelerados de formação de professores e de construção de escolas em diversas regiões do país. Prevê-se também a colaboração internacional para ajudar a ultrapassá-los, notadamente de Portugal, no que diz respeito aos professores.

Angola tem feito igualmente esforços consideráveis no âmbito

do ensino médio e superior. Internamente, foram criadas novas instituições, nas regiões mais importantes, assim como novos cursos, como Direito e Psicologia, que as autoridades coloniais se recusavam a incluir nos currículos. Enquanto isso, há milhares de estudantes no estrangeiro, fazendo cursos de graduação, de pós-graduação, profissionalizantes, estágios e outros.

Os alunos angolanos são enviados à União Soviética e para os Estados Unidos, para Cuba e para a França, para a Índia e para a Argélia, sem qualquer preconceito, de acordo com o tipo de curso e os interesses nacionais. No Brasil, por exemplo, há atualmente mais de 60 estudantes angolanos, só nas universidades. Essa política já começou a dar resultados: em 12 anos, Angola formou mais quadros superiores do que tinham sido formados durante 500 anos de colonialismo.

Correções — Em reunião recente, o Comitê Central do MPLA — Partido do Trabalho fez uma análise da situação da educação em Angola e determinou a reformulação do ensino técnico-profissional, com o objetivo de adequá-lo às necessidades atuais do desenvolvimento sócio-econômico do país. Pouco tempo antes, discursando em Luanda numa reunião sobre a educação, o presidente José Eduardo dos Santos já tinha alertado que Angola não precisa apenas de pessoas com o diploma universitário.

A mesma correção de rumo deverá acontecer com o ensino superior. Em cursos como o de economia, por exemplo, será reduzida a carga de disciplinas políticas e acrescido o número de matérias técnicas. O objetivo fundamental das autoridades é colocar a educação a serviço do programa de recuperação econômica de Angola, que será posto em marcha em janeiro.

ANGOP

AGÊNCIA ANGOLA
PRESS

Diretor Geral:
Julio Guerra

Diretor de Informação:

Avelino Miguel

Diretor Técnico:

José Abreu de Oliveira

Sede Central

Rua Rei Katyavala, n.º 120

Telefone: 334-593
Telex: 4160 ANGOP

AN — Luanda
República Popular de

Angola
Sucursais

Brasil

Diretor:

Anibal João Melo

Diretor Adjunto:

Felisberto Costa Filho

Endereço:

Rua Álvaro Alvim,

31/501, CEP 20031,
Centro, Rio de Janeiro

Telefone:
(021) 220-9439

Telex: (021) 32462
ANBL BR

Portugal (Lisboa)

Diretor:

Nazareth Van-Dunem

Telefone: 533-704

Telex: 42758 ANGOPP

Grã-Bretanha (Londres)

Diretor:

Élio Gamboa

Telefone: 493-1611

Telex: 295813 ANGOP G

Correspondentes:

António Santana, (Harare),

Conceição Luanda (Berlim),

Filipe Muakasso (Praga), José

Chimuco (Havana), José

Wolo Kossi (Brazzaville),

Vasco Correia (Moscou)

ANGOLANA

Editor: Anibal João Melo

Redação: Carlos Augusto de Oliveira Lima e
Felisberto Costa Filho

Pesquisa: João Belizário

Diagramação: Fabio Dupin

Arte-Final: Fernando de Oliveira

Composição e Impressão:

Editora Lidador Ltda.

Correções na economia

Fotos: Christine Pinheiro

Maior abertura e descentralização, diminuição da presença do Estado na economia, incremento da participação do capital privado, nacional e estrangeiro, aproveitamento integral das capacidades produtivas, autorização do jogo da oferta e da procura, revisão do sistema de direção da economia e saneamento das contas internas e externas do país são algumas das ações previstas no programa de saneamento econômico-financeiro (SEF) que Angola vai aplicar a partir de 1988. Com uma duração prevista de três anos, o SEF visa estabilizar economicamente o país, de molde a permitir o lançamento posterior de um plano de desenvolvimento nacional.

Com o objetivo de criar as condições ideais para a aplicação desse programa de saneamento, as autoridades angolanas pretendem obter o reescalonamento da dívida externa, calculada, em dezembro de 1986, em apenas quatro bilhões de dólares, mas concentrada num prazo de tempo muito curto. Até agora, os países socialistas mostraram-se mais compreensíveis em relação à estratégia de Angola, enquanto prosseguem as discussões com os credores ocidentais e do Terceiro Mundo, entre eles o Brasil.

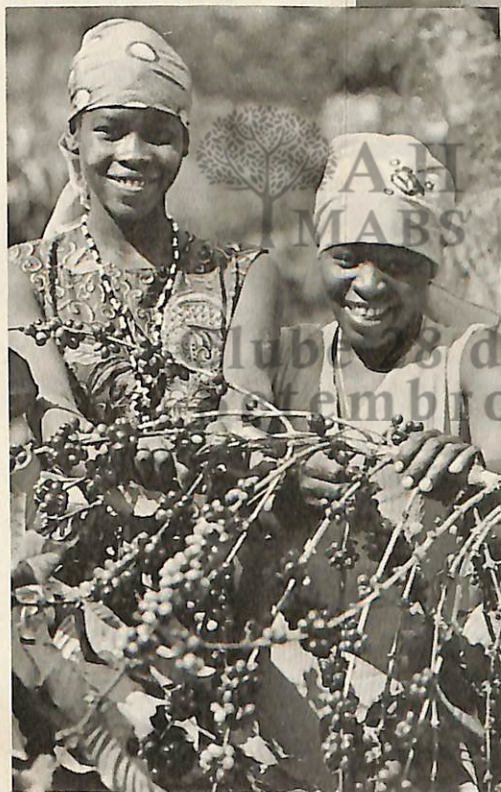
O governo angolano formalizou também o seu pedido de adesão ao Banco Mundial e ao Fundo Monetário Internacional (FMI), com o patrocínio de dois países influentes nesses organismos: França e Alemanha Ocidental. Há rumores, porém, de que os Estados Unidos pretendem se opor à entrada de Angola no FMI. Segundo o economista angolano José Cerqueira, um dos formuladores do SEF, o ingresso no FMI seria imprescindível para obter 200 milhões de dólares de que o país necessita, a fim de apoiar o ajustamento global e os programas setoriais definidos. No entanto, esclareceu, a aplicação do programa de saneamento não depende da entrada no Fundo.

Política de alianças — Um dos vetores fundamentais do SEF é a chamada “política de alianças”, mediante a qual se pretende articular todas as formas de propriedade existentes no país: estatal, cooperativa, privada e familiar. A partir de agora, a iniciativa privada e a economia de tipo familiar, que nunca deixa-

ram de existir, serão enquadradas no circuito da economia nacional, passando, notadamente, a pagar impostos.

A presença do Estado na economia será redimensionada. Tendo em conta o crescimento rápido, excessivo e desordenado do setor estatal, assim como a impossibilidade de garantir a gestão rentável de pequenas empresas, prevê-se a possibilidade de privatização de algumas delas. O comércio e, parcialmente, os transportes, são duas áreas consideradas propícias a uma política de alianças entre o setor estatal e o privado.

O objetivo do SEF é que o Estado concentre sua atenção



Mina de diamantes em plena produção

O café é um dos principais produtos angolanos de exportação

apenas nas unidades essenciais e estratégicas, bem como nos serviços que lhe competem naturalmente, tais como o ensino, saúde, infra-estruturas, policiamento ou administração civil.

Cooperação internacional — Um espaço importante na execução do programa de saneamento econômico-financeiro caberá à cooperação internacional. As autoridades angolanas pretendem, no âmbito do SEF, “definir e dosar corretamente o tipo e

o volume da cooperação com os países ocidentais, socialistas e não-alinhados”.

O país pretende igualmente aprofundar as suas relações com as nações africanas, em especial os outros membros do chamado Grupo dos Cinco (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe) e os integrantes da Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral (SADCC).

Apesar da sua opção político-ideológica, Angola tem consciência de que a cooperação com o Ocidente é indispensável para assegurar a manutenção e o funcionamento das infra-estruturas econômicas e sociais herdadas de Portugal, na sua totalidade equipadas com maquinaria ocidental. Pragmático, o presidente José Eduardo dos Santos afirmou, em agosto último: “O mais importante é saber equacionar as soluções para que as relações econômicas com os países ocidentais sejam vantajosas para a República Popular de Angola.”

Para facilitar a participação internacional na recuperação econômica do país, os governantes angolanos estudam atualmente a revisão da Lei de Investimentos Estrangeiros e a Lei das Unidades Econômicas Estatais. De acordo com a nova regulamentação, estas últimas vão poder associar-se mais livremente às empresas estrangeiras.

GUERRA

Brasil — O chefe do Departamento para Assuntos Africanos do Itamaraty, Carlos Peres, declarou no final de novembro, em Luanda, que “o Brasil condena veementemente a nova escalada de agressão da África do Sul contra a República Popular de Angola”. Durante uma entrevista coletiva, Peres repudiou também a política de *linkage*, que pretende ligar a questão da independência da Namíbia à presença de tropas cubanas em Angola.

Zaire — Angola apresentou aos chefes de estado da Linha de Frente documentos que comprovam o apoio das autoridades zairenses aos grupos terroristas da Unita, bem como a sua tentativa de reabilitar a extinta FNLA. Os documentos constavam de uma exposição de material bélico capturado à África do Sul e à Unita, organizada no dia 15 de novembro, em Luanda. Parte do armamento destinado aos homens de Savimbi entra habitualmente pelo Zaire, disseram fontes militares.

Prejuízos — Duzentas mil toneladas de café são perdidas anualmente em Angola, em consequência das ações de desestabilização promovidas pela África do Sul. A denúncia foi feita pelo vice-ministro angolano do Café, Augusto Caetano João, durante a 27.ª Assembleia Geral da Organização Inter-Africana do Café (OIAC), realizada em Harare no mês passado.

DIPLOMACIA

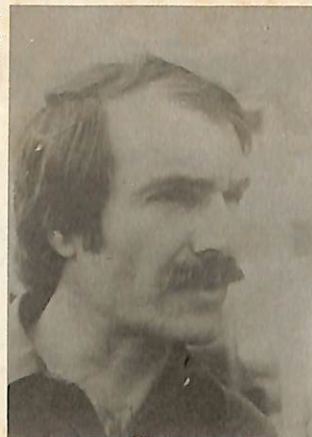
Marrocos — A propósito de uma nota publicada na edição de novembro deste jornal, o embaixador marroquino no Brasil, Mohamed Larbi Messari, escreveu à redação de *Atualidade Angolana*, desmentindo o apoio de seu país à Unita, organização contra-revolucionária que tenta derrubar o governo angolano. O embaixador declarou que “o reino do Marrocos foi o fornecedor da primeira ajuda material a Angola, no início da sua luta de libertação do colonialismo”.

SOLIDARIEDADE

Espanha — O governo espanhol concedeu a Angola uma ajuda não-reembolsável no valor de 3 milhões de dólares, que serão aplicados em projetos no domínio agrícola, hoteleiro e sanitário. Da ajuda, 1,5 milhão de dólares será usado num projeto de irrigação perto da capital. O restante será destinado a projetos de formação de pessoal, assim como à construção do Centro Oftalmológico de Luanda. Serão também enviados para o país médicos espanhóis, que vão trabalhar no programa de assistência sanitária.

Deslocados — As organizações não-governamentais suecas de solidariedade *Emmanuel Sundsvall*, *Pão e Peixe*, *Stocholm* e *Bjorka* vão aumentar a ajuda aos deslocados e outros necessitados angolanos. Depois de uma visita a Angola, no mês passado, representantes dessas organizações acharam insuficientes os donativos mandados atualmente.

Angop



Luandino Vieira

CULTURA

Luandino — O angolano Luandino Vieira foi eleito secretário geral da Liga dos Escritores dos Cinco (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Moçambique). A Liga, fundada em agosto deste ano, tem sede permanente em São Tomé. Luandino Vieira, recebeu também, recentemente, o Prémio Internacional AGIP, no valor de 40 mil dólares, oferecido pela empresa de petróleo italiana.

Escritores — Os escritores angolanos Manuel Rui Monteiro, Ruy Duarte de Carvalho e João Melo participaram do 2.º Perfil Internacional de Literatura Negra, realizado em São Paulo e no Rio, em novembro. Também estiveram no Brasil os escritores Jofre Rocha, pseudônimo de Roberto de Almeida, membro do Bureau Político do MPLA-Partido do Trabalho, e Maria Eugênia Neto, viúva do presidente Agostinho Neto. Os últimos assistiram à inauguração da Associação Cultural Agostinho Neto, cujo objetivo é aproximar as culturas de Angola e do Brasil.

COOPERAÇÃO

Japão — As possibilidades de cooperação econômica entre Angola e o Japão foram discutidas em Luanda, numa audiência concedida no mês passado pelo presidente José Eduardo dos Santos a uma delegação japonesa chefiada por Mamki Naoto, diretor dos Assuntos Africanos do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão. Assistiram ao encontro o ministro angolano das Relações Exteriores, Afonso Van-Dúnem Mbinda, e o secretário geral da Associação Japonesa para o Desenvolvimento Econômico da África, Koike Yasahiro.

Créditos — A França concedeu uma linha de crédito de 40 milhões de dólares para o fornecimento de bens alimentares de primeira necessidade a Angola. Concedeu também um empréstimo suplementar de cerca de 2 milhões de dólares para o desenvolvimento rural da província da Huila, o que eleva para aproximadamente 12 milhões de dólares o crédito francês para o referido projeto.

SEF — A Suécia manifestou a sua disposição de contribuir para a aplicação do programa de saneamento econômico-financeiro (SEF), que Angola vai lançar em 1988. Durante um simpósio sobre as exportações angolanas para os países escandinavos, o primeiro secretário da embaixada sueca em Luanda declarou: “Nós não queremos ser os últimos a entrar no SEF e por isso estamos trabalhando muito.”

ANGOLA, TERRA DA LIBERDADE



TAA

LINHAS AÉREAS DE ANGOLA
A Serviço da Reconstrução Nacional

TAAG — Av. Presidente Vargas 542/1603
Telefones: 263-9711, 263-4988 e 263-4911
Telefones no Aeroporto Internacional: 398-3112 e 398-3113